

Educação patrimonial nas áreas das PCHs Plano Alto e Alto Irani, Santa Catarina¹

Elaine Arnold, Ana Lucia Herberts***

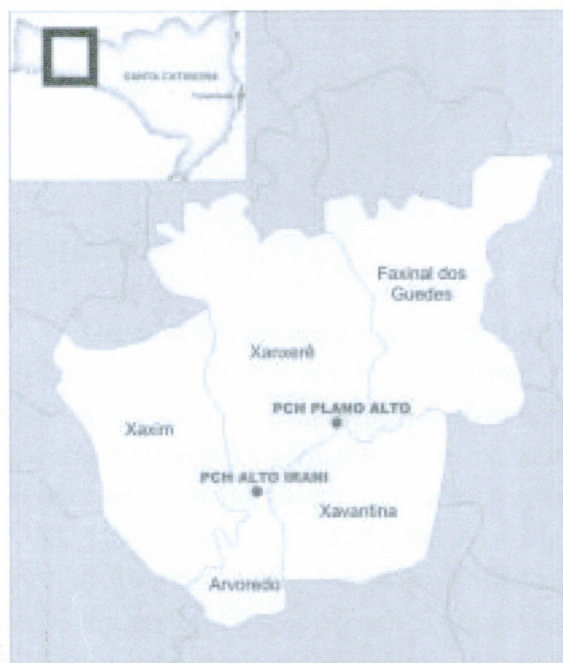
Resumo

Este artigo apresenta as atividades realizadas no Programa de Educação, Divulgação e Valorização Patrimonial, vinculado ao projeto "Arqueologia Preventiva na área de intervenção das PCHs – Pequenas Centrais Hidroelétricas de Plano Alto e Alto Irani, SC", desenvolvido pela Scientia Consultoria Científica.

Palavras-chave: educação patrimonial patrimônio arqueológico.

Introdução

O projeto “Arqueologia Preventiva na área de intervenção das PCHs Plano Alto e Alto Irani, SC” (SCIENTIA AMBIENTAL, 2005) foi desenvolvido entre os anos de 2005 e 2006, pela Scientia Consultoria Científica, abrangendo os municípios de influência direta do empreendimento: Xavantina, Faxinal dos Guedes, Arvoredo, Xanxerê e Xaxim, situados no vale do rio Irani, estado de Santa Catarina.



Área de atuação do projeto e localização das PCHs Plano Alto e Alto Irani.
Arte Gráfica: Elaine Arnóld.

O “Programa de Educação, Divulgação e Valorização Patrimonial” foi desenvolvido nos municípios de Xavantina, Faxinal dos Guedes e Arvoredo, por serem diretamente impactados pelo empreendimento, tendo como público-alvo os docentes e discentes desses municípios.

Os objetivos do programa foram:

- a) sensibilizar o corpo docente e discente sobre a importância da preservação e valorização do patrimônio regional;
- b) contribuir para a formação de uma identidade cultural e estimular o respeito à diversidade cultural; e
- c) divulgar os resultados das pesquisas arqueológicas realizadas na região.

As atividades educativas foram realizadas em duas etapas, contemplando a comunidade escolar dos municípios citados. A etapa I foi realizada no mês de julho de 2006, paralelamente às atividades de resgate arqueológico do sítio SC-AI-17 e a etapa II foi executada no mês de novembro do mesmo ano em diversos municípios.

Planejamento das atividades

As secretarias de educação dos municípios de Arvoredo, Faxinal dos Guedes e Xavantina foram contatadas para a apresentação do Programa de Educação Patrimonial e o cronograma de atividades previsto. Nessa oportunidade, foram realizados o levantamento do universo escolar de cada município e a verificação da infra-estrutura das escolas para a realização das atividades (recursos audiovisuais).

Outras questões abordadas neste levantamento referiram-se ao conhecimento dos docentes em relação ao tema Arqueologia e Patrimônio, além dos conteúdos que estavam sendo tratados em sala de aula. Estas informações foram importantes para direcionar o planejamento das atividades educativas pela equipe de Educação Patrimonial.

Etapa I: atividades de Educação Patrimonial realizadas junto à Escola Reunida Santa Teresinha, município de Arvoredo

As atividades realizadas envolveram ações educativas aplicadas aos discentes e docentes da Escola Reunida Santa Teresinha, situada na comunidade de Santa Teresinha, município de Arvoredo. A escola contava em seu quadro com duas professoras, nove alunos na pré-escola e 25 alunos de 1ª a 4ª série multiseriada². Esta escola foi escolhida para a realização das atividades por estar situada próximo ao sítio arqueológico em escavação (SC-AI-17), o que possibilitava envolver a comunidade e socializar os procedimentos utilizados pelos pesquisadores para o estudo dos vestígios arqueológicos.

As ações foram planejadas em três fases, de acordo com o público-alvo. A primeira fase constou de atividades dirigidas às professoras, com a apresentação de informações sobre a ciência Arqueologia, de noções de Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial.

Para a segunda fase, envolvendo os discentes da pré-escola, foi aplicada uma atividade lúdica envolvendo pintura, com um tema livre a ser interpretado, posteriormente, pelas crianças do Ensino Fundamental.

Na terceira fase, envolvendo os alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, foi desenvolvida uma oficina com atividades ludo-pedagógicas elaboradas com base em Murcia (2005) e Fantin (2000), incluindo a visita a um sítio arqueológico da região.

A atividade da fase I, envolvendo as professoras, foi realizada nas dependências da Secretaria de Educação do município, tendo como temática norteadora a instrumentalização destas quanto à arqueologia, o patrimônio cultural e educação patrimonial (FARIAS, 2001).

Na ocasião, foi exibido o vídeo "A arqueologia vai à escola: uma experiência com escavação simulada" (BEZERRA DE ALMEIDA, 2001), como exemplo e instrumento para discussão e demonstração da escavação simulada, que seria aplicada aos alunos

na seqüência dos trabalhos. Após a projeção do vídeo, foram sanadas dúvidas e distribuída uma coletânea de textos selecionados sobre as temáticas: preservação do patrimônio, educação patrimonial e arqueologia. Este material de apoio visou suprir as professoras com material que servisse para o ensino em sala de aula. A coletânea de textos foi composta por trechos extraídos de livros e artigos (ATAÍDES, 1997; MORLEY, 1992; ITAQUI, VILLAGRÁN, 1998; VERSIGNASI, 2002; e STALLYBRASS, 2000).

À professora da turma de 1^a a 4^a série foi solicitada a aplicação de um questionário baseado em Bezerra de Almeida (2002), que procurava verificar, por meio de perguntas, a noção dos alunos sobre a arqueologia e preservação, tratando “de um universo com três dimensões: a informação, a representação e a atitude” (MOSCOVICI apud BEZERRA DE ALMEIDA, 2002, p. 93). O objetivo deste questionário era constatar o antes e o depois das atividades de Educação Patrimonial, podendo, dessa forma, avaliar se havia alteração da percepção inicialmente constatada.

Embora o programa tenha sido planejado inicialmente para atingir somente o universo dos alunos de 1^a a 4^a série, por tratar-se de atividades com maior apreensão de conceitos, empregando a observação e o registro escrito, optou-se em envolver, também, os discentes da educação básica – pré-escolar - no processo, a fim de proporcionar a interação e a reflexão sobre o “outro”.

A forma encontrada para incluir os alunos do pré-escolar nas atividades, chamada de fase II, foi envolvê-los na atividade de pintura em vasilhas de cerâmica, que serviriam, posteriormente, de material para a escavação simulada junto à turma de 1^a a 4^a série.

Para esta ação foram abordados temas sobre a família (casa, pais, irmãos, parentes etc.), que estavam sendo trabalhados pela professora. Como material de apoio, foram utilizados vasilhames de cerâmica, giz de cera, pincéis e tinta guache. Cada aluno recebeu uma vasilha com o objetivo de representar os membros da família. A escolha das cores das tintas (preto, vermelho e branco) baseou-se nos tons possivelmente utilizados pelos grupos indígenas no passado.

Na Fase III, referente aos alunos do Ensino Fundamental, realizaram-se diversas atividades programadas em dias diferentes, buscando propiciar uma seqüência de ensino-aprendizagem. Estas atividades iniciaram com uma oficina e culminaram com uma visita guiada à escavação de um sítio arqueológico.



Alunos do pré-escolar mostrando os vasilhames com as suas pinturas.
Foto: Elaine Arnold. Acervo: Scientia Consultoria Científica.

A oficina iniciou com uma aula expositiva, com auxílio de lâminas e retroprojetor, utilizando uma história em quadrinhos, com texto e imagens adaptadas do gibi “Arqueologia: uma viagem ao passado” (HERBERTS; COMERLATO, 2003), que trata do trabalho do arqueólogo (campo e laboratório), do que é sítio arqueológico, onde podem ser encontrados e quais as suas principais características.

Posteriormente, foi realizada uma atividade prática através da execução de uma escavação arqueológica simulada, buscando fornecer uma experiência prática da pesquisa arqueológica, para a fixação dos conceitos apreendidos em sala com a exposição inicial.

A escavação simulada procurou demonstrar às crianças a experimentação de uma das atividades de campo do arqueólogo, preparando-as para um melhor entendimento dos procedimentos empregados no resgate do sítio arqueológico durante a visita ao mesmo.

Para a escavação arqueológica simulada, foram utilizadas três caixas de madeira³ de 1m² com 20 cm de altura. As caixas foram

preenchidas com areia para facilitar a escavação para as crianças. Nestas caixas foram enterradas as vasilhas pintadas pelos alunos do pré-escolar.

Os alunos foram divididos em três equipes, por meio do sorteio iconográfico⁴, representando as diversas ferramentas utilizadas pelos arqueólogos no trabalho de campo. Na oportunidade, foi discutida qual a função de cada um dos equipamentos representados e utilizados pelo arqueólogo na pesquisa de campo.

Na seqüência, os alunos realizaram a escavação simulada, que consistiu na descoberta e evidenciação dos objetos enterrados, com a retirada cuidadosa do solo. A etapa seguinte foi o registro, através de desenhos, dos objetos encontrados na caixa de areia. Como material de apoio para esta atividade, foram utilizados, além das caixas de areia, pincéis, pás pequenas de plástico (tipo pá de lixo), pranchetas e lápis.



Descoberta e registro dos artefatos na escavação arqueológica simulada.
Foto: Elaine Arnold. Acervo: Scientia Consultoria Científica.



Detalhe de um aluno realizando o registro do objeto escavado.
Foto: Elaine Arnold. Acervo: Scientia Consultoria Científica.

Após a escavação simulada, os alunos retornaram à sala de aula, onde se procurou salientar a importância da preservação do patrimônio arqueológico e quais os critérios empregados pelos arqueólogos na coleta dos artefatos arqueológicos. Fizeram-se ainda recomendações de como proceder quando encontrassem algum vestígio ou soubessem de algum achado arqueológico, destacando a importância do arqueólogo neste trabalho.

Escola Santa Teresinha
FICHA DE REGISTRO - CAMPO

Nome: Isabela Tunesian Data: 11/02/06
Série: 3º Idade: 8 anos

Olá amigos!!!
Vamos registrar o que
você encontrou na
escavação?

Vamos desenhá-lo
alguém que você
achou de Baía de
Acaraçá?

Exemplo de “Ficha de Registro” usada na escavação simulada e na atividade “Baía da Arqueologia” preenchida por uma aluna: desenho dos objetos que foram encontrados na escavação simulada (esq.) e representação do objeto escolhido, uma cerâmica unglada (dir.).

Em seguida foi desenvolvida a atividade chamada “Baú da Arqueologia”. Esta atividade consistiu na apresentação de um baú de vime no qual havia peças arqueológicas reais (fragmentos cerâmicos e artefatos líticos) de uma coleção de referência com fins educativos, material este sem procedência e sem interesse científico. O objetivo principal desta atividade foi proporcionar às crianças a observação e o manuseio dos artefatos arqueológicos. Através deste material, elas puderam perceber quais os vestígios mais freqüentes nos sítios arqueológicos da região. Nesta atividade, cada aluno escolheu o objeto que mais lhe interessou e o registrou através de desenho. Como encerramento da oficina, foram ainda distribuídos caça-palavras para colorir, com o objetivo de fixar os conceitos trabalhados.

Na fase seguinte, os alunos foram guiados ao sítio arqueológico SC-AI-17 para observar e participar do ambiente da pesquisa arqueológica. Primeiramente, receberam orientações e informações sobre o sítio. O roteiro incluiu visitas às quadrículas que estavam sendo escavadas no sítio, onde os estagiários responsáveis mostraram o material arqueológico coletado e responderam às perguntas das crianças. Após as explicações, os alunos ficaram à vontade para percorrerem a área de pesquisa e explorarem aquilo que havia chamado mais a atenção.

Durante a visita, os alunos dividiram-se entre a observação da escavação das quadrículas, acompanhando o trabalho de peneiramento do solo, triagem do material na peneira e a identificação dos vestígios arqueológicos coletados. Alguns alunos executaram as etapas de triagem e identificação das coletas, sempre sob orientação de membros da equipe de arqueologia.

Ao final das atividades, foi realizada a avaliação e fixação do conhecimento apreendido com a aplicação do mesmo questionário respondido no início das atividades do dia anterior. A partir deste, foi possível verificar se houve alguma alteração na percepção dos alunos em relação à visão que tinham do arqueólogo e da arqueologia, ou seja, o antes e o depois das ações educativas. Da

mesma forma que o inicial, o questionário final também foi aplicado pela professora responsável e entregue à equipe de arqueologia no dia seguinte ao da visita.

Avaliação das atividades da etapa I

O ato de avaliar a execução das ações educativas é muito importante para melhor planejar a seqüência do programa educativo, corrigir possíveis falhas e, sobretudo, aperfeiçoar as futuras atividades de Educação Patrimonial. A avaliação deve ser realizada em vários estágios, tanto pelo corpo docente e discente envolvido nas atividades quanto pela equipe responsável pelo programa em relação ao alcance dos objetivos, destacando os resultados positivos e identificando os pontos para aperfeiçoamento.

Nas ações junto aos alunos do Ensino Fundamental, estavam previstas as atividades de coleta, limpeza e reconstrução dos fragmentos de vasilhames cerâmicos provenientes da escavação simulada, cujos cacos estavam misturados nas caixas de areia. Os vasilhames deveriam ter sido quebrados após a secagem da pintura e usados na escavação simulada. Estes fragmentos propiciariam subsídios para a simulação de atividades de laboratório, como por exemplo a remontagem dos vasilhames para análise, tentando identificar quais eram os desenhos pintados, quem eram os seus autores e o significado das representações (HORTA, 1999).

No entanto, várias foram as dificuldades enfrentadas que impossibilitaram a execução da atividade conforme o previsto. Em primeiro lugar, os alunos do pré-escolar quiseram levar para casa os vasilhames pintados e mostrá-los aos pais, guardando-os como lembrança, inviabilizando a seqüência prevista de atividades simuladas em laboratório, com a remontagem das peças, já que diante desta situação as vasilhas não poderiam ser fragmentadas.

A segunda dificuldade enfrentada foi detectada no momento da aula expositiva, em que os alunos do Ensino Fundamental já tinham conhecimento das pinturas dos vasilhames cerâmicos

realizadas pela turma do pré-escolar, que, portanto, não propiciaria o elemento surpresa pretendido na etapa de análise em laboratório.

Com relação às perguntas empregadas nos questionários, percebeu-se que não foram interpretadas em sua totalidade. Atribui-se este resultado, por um lado, ao uso da linguagem diferenciada à realidade da região e, por outro, por terem sido aplicadas pelas professoras sem acompanhamento da equipe de arqueologia. O objetivo principal era evitar que os alunos fossem influenciados pela presença da equipe ao responderem as perguntas. A intenção era averiguar o quanto os alunos sabiam a respeito da arqueologia e, ao final, as perguntas serviriam como exercício de fixação e fechamento do assunto.

Muitos dos alunos não possuem televisor em suas casas, e o vínculo atribuído à arqueologia e a personagens como “Indiana Jones” não foram percebidos. No questionário inicial, apenas cinco alunos disseram conhecer arqueólogos através da TV, sem mencionar mais informações. No entanto, ao estabelecer o diálogo com a turma durante a exposição teórica, não foi percebido nenhum relato relacionado ao personagem ou à paleontologia, normalmente citada e vinculada à arqueologia.

Embora os alunos conhecessem artefatos arqueológicos fortuitamente encontrados na região, as atividades práticas aplicadas proporcionaram o primeiro contato com o universo da pesquisa arqueológica, reforçando a importância da preservação.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas, o objetivo principal das atividades foi alcançado, que era informar as crianças sobre a arqueologia e as atividades do arqueólogo, além de envolvê-las e sensibilizá-las para a importância da preservação do patrimônio arqueológico regional.

Etapa II: atividades realizadas em diferentes municípios

As atividades da etapa II foram executadas de modo distinto da etapa anterior, em virtude da quantidade de escolas a serem contempladas pelas ações educativas e diante do encerramento do

resgate dos sítios arqueológicos, não havendo, portanto, a possibilidade de visitas guiadas às escavações. Deste modo, as atividades foram elaboradas para ocorrerem exclusivamente no espaço da sala de aula, sem envolver o auxílio e a infra-estrutura externa das escolas, possibilitando maior agilidade em seu desenvolvimento.

Outro aspecto que diferenciou a metodologia desta segunda etapa foi o material utilizado na exposição teórica. Com o objetivo de padronizá-lo, diante da dificuldade de infra-estrutura e recursos audiovisuais por parte de algumas escolas, buscou-se utilizar o mesmo material em todos os municípios.

Nesta etapa, assim como na anterior, foi distribuída uma coletânea de textos selecionados sobre preservação do patrimônio, educação patrimonial e arqueologia, assim como sugestões de atividades para serem desenvolvidas, envolvendo a temática patrimônio.

As atividades com os alunos seguiram três momentos distintos, divididos entre as atividades e a avaliação, sendo precedidas pela aplicação de um questionário baseado em Bezerra de Almeida (2002), que procurou avaliar, por meio de perguntas, o conhecimento dos alunos sobre a arqueologia e a noção de preservação.

Inicialmente, foi realizada a dinâmica de grupo, denominada “História dos objetos e a relação com a arqueologia”, baseada na proposta de Ramos (2004, p. 32), que sugere a escolha de um “objeto gerador” para motivar reflexões e

[...] perceber a vida dos objetos, entender e sentir que os objetos expressam traços culturais [...] tal exercício deve partir do próprio cotidiano, pois assim se estabelece o diálogo, o conhecimento do novo na experiência vivida: conversa entre o que se sabe e o que se vai saber [...].

Neste sentido, foi solicitado à turma que escolhesse objetos em suas mochilas, bolsas, bolsos ou no ambiente da sala de aula e

que os organizassem e os colocassem reunidos. As equipes foram divididas em pequenos grupos de no máximo cinco integrantes, conforme a quantidade de alunos presentes em classe. Cada grupo, utilizando a imaginação, criou uma narrativa, a partir do conjunto de objetos escolhidos, sobre o modo de vida, quem poderiam ser as pessoas (ou pessoa) que utilizavam aqueles objetos escolhidos, qual a história e o contexto histórico em que estão inseridos (cultura) etc., procurando, a partir dos objetos selecionados, responder questões como: Quem são? O que fazem? Qual o significado ou importância deste objeto para estas pessoas?

A partir desta narrativa, objetivou-se demonstrar como o arqueólogo trabalha, analisando os artefatos do passado para compreender o modo de vida de quem os usou e qual a importância da ciência e sua metodologia para a reconstituição do modo de vida e da cultura dos povos que viveram no passado.

Ao mesmo tempo, buscou-se fazer com que os alunos percebessem a diferença entre a narrativa no modo da ficção, por eles produzida, e os dados gerados pela ciência. Portanto, a intenção foi fazer uma ligação entre os objetos do seu cotidiano e o estudo desses objetos, buscando “potencializar o campo de percepção diante [destes], por meio da ‘pedagogia da pergunta’, [...] aprender a refletir a partir da ‘cultura material’” (RAMOS, 2004, p. 28).

A partir da dinâmica de grupo, foram utilizadas pranchas iconográficas⁵ como recurso para a explanação da metodologia e das práticas arqueológicas, realizando a relação entre a narrativa criada pelos alunos, abordando os seguintes temas:

- a história dos objetos e a relação destes com o homem;
- a relação dos objetos com a Arqueologia;
- conceito de Arqueologia;
- como é o trabalho do arqueólogo (campo e laboratório);
- o que é sítio arqueológico e os tipos de sítios da região;
- onde se encontram os sítios e suas principais características;
- e preservação do patrimônio arqueológico.

Na seqüência, foi realizada uma atividade prática, ainda em equipe, através da execução de uma escavação arqueológica simulada, que objetivava a fixação dos conceitos apreendidos no exercício anterior e buscava proporcionar às crianças a experimentação do dia-a-dia do arqueólogo em uma escavação, embora as atividades deste não se restrinjam somente a esse tipo de pesquisa.

Baseada na experiência de Machado (2004), a partir de uma caixa-sítio (caixa de papelão e papel picado em diferentes cores para diferenciar as camadas arqueológicas), foram dispostos objetos arqueológicos⁶ (louças, fragmentos de cerâmica, material lítico, dentre outros) do mesmo período em cada caixa, produzindo, assim, registros de “sítios” diferentes.

Logo após, as equipes realizaram a escavação simulada, que consistiu na descoberta e evidenciação dos objetos “enterrados”, com a retirada dos papéis, tomando cuidado e seguindo a metodologia análoga à utilizada em campo.

A etapa seguinte passou ao registro, através do desenho dos objetos encontrados na caixa-sítio, culminando com a coleta e análise destes, assim como a constatação da diferença existente entre os objetos de cada sítio pesquisado pelas equipes.

No encerramento da oficina, foram aplicadas as perguntas baseadas em Bezerra de Almeida (2002), com o objetivo de fixar as informações e os conceitos trabalhados.

Finalmente, foi entregue a cada aluno o fôlder intitulado: “Arqueologia nas PCHs de Plano Alto e Alto Irani” e a folha de atividades contendo um caça-palavras para colorir e um enigma arqueológico, buscando a fixação do conteúdo apreendido.

Avaliação das atividades da etapa II

Reiterando a importância do ato de avaliar a execução das ações educativas como forma de aperfeiçoamento para futuras atividades de educação com o patrimônio, objetivou-se realizar a mesma avaliação utilizada na etapa anterior. Esta foi feita em vários

estágios, tanto pelo corpo docente e discente envolvidos nas atividades quanto pela equipe responsável pelo programa em relação ao alcance dos objetivos, destacando os resultados positivos e identificando os pontos para aperfeiçoamento.

Após a avaliação das atividades realizada na etapa I, algumas ações foram modificadas em virtude dos aspectos observados, tanto no universo escolar quanto na região trabalhada: 1) realidade econômica e social das comunidades visitadas; 2) linguagem utilizada pelos alunos; e 3) intervenção das professoras no processo de avaliação antes e depois das atividades (auxílio nas respostas dos questionários aplicados).

Diante disso, pode-se avaliar que poucas foram as dificuldades encontradas na execução das atividades nesta etapa, embora algumas ações tenham sido adaptadas. A saber: 1º) as fichas de campo foram preenchidas em equipe e não individualmente, diante da dificuldade de escrita de alguns alunos que ainda cursavam a 1ª série do Ensino Fundamental; e 2º) a análise dos objetos pesquisados após a atividade de escavação simulada foi realizada sem o auxílio do formulário individual que havia sido produzido, tendo o objetivo de enriquecer a discussão, fomentando perguntas e a participação dos alunos. Portanto, ocorreu de forma oral e com a participação do grande grupo. Tais adaptações foram consideradas como adequadas e eficazes no desenvolvimento da atividade em sala de aula.

Quanto às perguntas empregadas antes e depois das ações, como forma de avaliação do conhecimento a respeito da arqueologia, nesta etapa, foram aplicadas pela equipe de Educação Patrimonial, o que favoreceu um maior controle sobre a interpretação e garantindo o retorno sem influências e sugestões a respeito de uma “resposta correta”. Dessa forma, procurou-se mostrar que o conhecimento é construído e que não existe a obrigação em “saber a respeito de tudo”, e sim que os alunos estejam dispostos e motivados a aprender. Um aspecto observado e considerado pela equipe muito importante foi a grande dificuldade dos alunos diante da possibilidade de responder “não sei” às perguntas formuladas.

Nas questões mais específicas, verificou-se que a definição do que é a arqueologia era desconhecida para a maioria dos alunos, assim como para alguns professores. Além disso, não identificamos uma imagem estereotipada do arqueólogo, vinculando ao personagem “Indiana Jones”, comumente mencionado. Outro aspecto observado também foi a inexistência da relação entre paleontologia e a arqueologia, vinculando fósseis e dinossauros a esta última, pelo fato de seu total desconhecimento.

Comparação e avaliação da metodologia da etapa I e etapa II

Nas etapas I e II, dois conjuntos distintos de atividades constituíram a metodologia empregada, realizadas em períodos diferentes, embora norteadas por objetivos comuns.

Diante disso, é possível avaliar comparativamente as ações da etapa I como eficientes, porém não tão eficazes; ao contrário da etapa II em que todas as ações foram eficientes e eficazes. Esta avaliação foi realizada ao confrontar, por exemplo, o tempo empregado em ambas as etapas e o resultado obtido a respeito da compreensão dos conceitos e dos temas abordados.

Na primeira fase, houve um convívio maior com os alunos e as atividades foram desenvolvidas ao longo de uma semana. Já na segunda etapa, as atividades foram concentradas e realizadas em um único encontro. Isto demonstra que na etapa I, mesmo com maior tempo disponível, não foi suficiente para que os conteúdos tenham sido compreendidos em sua totalidade.

Chegou-se a esta conclusão baseada na percepção e na participação dos alunos, assim como na interação entre eles no momento da escavação simulada, quando os princípios explicados são reforçados e colocados em prática.

Percebeu-se também que a falta do contato direto da equipe de Educação Patrimonial com os alunos e com a realidade escolar da região na fase de levantamento (linguagem, situação socio-econômica, dentre outros), comprometeu a eficácia das ações na primeira etapa.

Na segunda fase, munidos da avaliação realizada na etapa I, foi possível adequar todas as atividades para a realidade a ser trabalhada. Neste aspecto, levou-se em consideração não só as informações a respeito de faixa etária, dos currículos, dos temas abordados pelos professores, mas todos os aspectos mencionados anteriormente.

Desta forma, considera-se primordial em futuros levantamentos do universo escolar realizar alguma forma de observação ou de contato com o público-alvo para melhor avaliar o contexto, antes do desenvolvimento das ações de Educação Patrimonial, para que todos os aspectos identificados sejam considerados no momento do planejamento das atividades e na produção do material para esse público.

Embora a avaliação com os docentes tenha sido feita oralmente, como sugestão para atividades posteriores de Educação Patrimonial, propõe-se a criação de um questionário de avaliação para o professor que acompanha as atividades, aferindo sobre a metodologia utilizada, o tempo empregado, os resultados e demais questões pertinentes. Este questionário serviria como instrumento de avaliação dos docentes em relação à atuação da equipe de Educação Patrimonial.

Outras atividades

Além das atividades anteriormente apresentadas, foi produzido um fôlder com o intuito de divulgar as pesquisas arqueológicas realizadas na região em virtude do empreendimento, abordando a importância da preservação do patrimônio arqueológico. Este foi elaborado em linguagem acessível, para distribuição ao público da região durante as atividades educativas.

O material produzido, intitulado “Arqueologia nas PCHs de Plano Alto e Alto Irani”, contém esclarecimentos sobre o licenciamento ambiental e os resultados produzidos sobre a arqueologia regional. Além disso, apresenta a definição sobre essa ciência, os sítios arqueológicos, a pesquisa de campo e o trabalho

em laboratório. Aborda, ainda, o que fazer quando ocorre uma descoberta arqueológica fortuita e qual local procurar para obter mais informações.

A tiragem foi de 2.000 exemplares de distribuição gratuita e buscou atender a comunidade escolar, assim como as instituições regionais, como veículos de informação local.

Foi elaborado ainda um *release* sobre as ações, realizado para a divulgação através de jornais da região (FOLHA REGIONAL, 2006; JORNAL SUL BRASIL, 2006).

Notas

* Estagiária em Educação Patrimonial na Empresa Scientia Consultoria Científica – Escritório Regional Sul.

** Mestre em História pela UNISINOS, doutoranda no PPGH – PUCRS e pesquisadora da Empresa Scientia Consultoria Científica – Escritório Regional Sul.

¹ Comunicação apresentada no V Encontro do Núcleo Regional Sul da Sociedade de Arqueologia Brasileira – SAB Sul, realizado entre os dias 20 e 23 de novembro no Rio Grande, RS.

² Algumas escolas ainda apresentam classes multiseriadas que são formadas por alunos de 1ª a 4ª série, que dividem a mesma sala, com um único professor.

³ Foram adotadas caixas de madeira com 1m², já que esta medida corresponde ao espaço delimitado, respeitando a metodologia utilizada pelos arqueólogos na escavação do sítio arqueológico.

⁴ Sorteio iconográfico: sorteio realizado a partir de cartões coloridos com imagens referentes aos equipamentos utilizados pelos arqueólogos nas pesquisas de campo. Após a distribuição, em que cada aluno recebeu um cartão, as equipes foram formadas baseadas nas cores dos cartões das imagens impressas, compondo dessa forma a equipe azul, verde, vermelho e assim por diante.

⁵ As pranchas iconográficas são cartazes em material resistente com tamanho de 50 x 65cm, elaborado com perguntas e imagens que facilitam o diálogo e servem como material paradidático.

⁶ Foram utilizados materiais da coleção de referência da empresa, que em grande parte é proveniente de acervos particulares sem contextualização arqueológica, doados à empresa em trabalhos de campo.

Referências

ALMANAQUE MHAB. Museu Histórico Abílio Barreto. Belo Horizonte. N. 3.

ATAÍDES, J. M.; MACHADO, L. A.; SOUZA, M. A. T. Cuidando

do Patrimônio Cultural. Goiânia: Ed. UCG, 1997.

BEZERRA DE ALMEIDA, M. *Arqueologia vai à escola: uma experiência com escavação simulada*. Rio de Janeiro: CPTV, 2001. 1 videocassete (30 min.): VHS, NTSC, son, color. Port. (Didático).

_____. *O Australopiteco Corcunda: as crianças e a Arqueologia em um projeto de Arqueologia Pública na escola*. 2002. Tese (Doutorado em Ciências – Concentração em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, USP, São Paulo, 2002.

FANTIN, M. *No mundo da Brincadeira: Jogo, Brinquedo e Cultura na Educação Infantil*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FARIAS, D. S. *O trabalho de Educação Patrimonial no contexto arqueológico*. In: Anais do I Encontro Sul Brasileiro de Educação Patrimonial. Tubarão, UNISUL, Edição em CD-ROM, 2001.

FOLHA REGIONAL. *Pequenas Centrais Hidrelétricas conscientizam alunos sobre Patrimônio Arqueológico*. 09/08/06.

HERBERTS, A. L. & COMERLATO, F. *Uma Viagem ao passado*. 2003 Eletrosul, Scientia Ambiental.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília, IPHAN, 1999.

ITAQUI, J. & VILLAGRÁN, M. A. *Educação Patrimonial: A Experiência da Quarta Colônia*. Santa Maria: Palloti, 1998.

JORNAL SUL BRASIL. *Hidrelétrica desenvolve projeto de salvamento do patrimônio arqueológico*. 09/08/06, p. 7.

MACHADO, A. J. *Arqueologia na Sala de aula: uma experiência realizada na rede municipal de ensino de Ibarama, RS*. Revista do CEPA, vol. 28, n. especial. Santa Cruz, UNISC, 2004.

MORLEY, E. J. *O Presente do Passado. O que é Arqueologia?* Florianópolis: Empreendimento Habitasul, 1992.

MURCIA, J. A. M. *Aprendizagem através do jogo*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RAMOS, F. R. L. *A danação do Objeto: o museu no ensino de História*. Chapecó: Argos, 2004.

SCIENTIA AMBIENTAL. *Projeto Arqueologia Preventiva na área de intervenção das PCHs Plano Alto e Alto Irani, SC*. Florianópolis, 2005.

STALLYBRASS, P. *O casaco de Marx*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VERSIGNASI, A. Como é a escavação de um sítio arqueológico? In: *Superinteressante Especial: Mundo Estranho*. Edição 06. São Paulo: Editora Abril, 2002, p. 32-33.

Abstract

This article presents the activities carried through the Program of Education, Spreading and Heritage Education tied to the project "Preventive Archaeology in the area of intervention of the hydroelectric power stations of Plano Alto and Alto Irani, state of Santa Catarina, Brazil", developed for the Scientia Consultoria Científica.

Keywords: heritage education, archaeological patrimony.